



Psicologia USP

ISSN: 0103-6564

revpsico@usp.br

Instituto de Psicologia

Brasil

Escaraboto, Kellen M.

Sobre a importância de conhecer e ensinar

Psicologia USP, vol. 18, núm. 4, octubre-diciembre, 2007, pp. 133-146

Instituto de Psicologia

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305123724009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

RELATO DE EXPERIÊNCIA

SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CONHECER E ENSINAR¹

Kellen M. Escaraboto^{2,3}

Resumo: Os primeiros dias da criança na escola são fundamentais e cruciais no processo educativo, uma vez que a maioria dos alunos, ao trocarem de turmas, escolas e professores, vivenciam, além da ansiedade, um novo processo de ser e conhecer. Esse processo é um tanto difícil para a criança, e a escola deve estar instrumentalizada para auxiliá-la nesse novo momento. Este é um relato de uma prática pedagógica realizada em uma escola de Londrina/PR nas séries de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Diante dos resultados encontrados, pode-se perceber que conhecer o aluno favorece a prática do professor, o qual poderá planejar e preparar as aulas de acordo com as necessidades específicas de seus alunos, fazendo da prática pedagógica um instrumento para a construção do ser, do aprender, do fazer e do conviver.

Palavras-chave: Conhecimento. Aprendizagem. Interação. Adaptação escolar.

1 O projeto apresentado neste artigo foi coordenado pela autora, com a participação de um grupo de professoras do Colégio Interativa de Londrina, Paraná: Larissa L Batista; Maria Bueno; Cristiane Colito; Stefany Diniz; Deyse C. Ferreira; Josiane Costa Lucas; Andréia Martins; Maria Aparecida Sobrinho; Kátia I. Pereira; Luciane Mabel Pilla; Renata O. Romanha; Kelly Cristina Wosiac.

2 Psicóloga, especialista em Psicoterapia Clínica Comportamental e em Educação Especial. Atua como psicóloga escolar no Colégio Interativa de Londrina. E-mail: kescaraboto@hotmail.com

Agradecimentos especiais à equipe diretiva do Colégio Interativa de Londrina e a todos os alunos que nos proporcionaram esta rica experiência.

Os riscos de uma escolha

Escolher a profissão de professor implica um grande desafio, principalmente porque o professor tem que estar atualizado e olhando para o futuro. Muitas vezes, o professor sabe que tem condições de realizar muito mais do que exige a programação escolar, mas nem sempre consegue alcançar tais realizações. Vai aos poucos desistindo, desacreditando, e busca inúmeras desculpas e razões para, na verdade, justificar o descaso e o não-fazer. Por fim, acaba se “conformando a práticas ultrapassadas que, muitas vezes, em sua concepção, sempre deram certo, e ainda passa a acreditar em tais práticas” (Bonadio, 2006, p. 10).

Há que se reconhecer, segundo Bonadio, que as mudanças recentes ocorridas no mundo certamente se refletem no comportamento, nos valores e nas instituições, sejam elas familiares ou educacionais. O que fazer, então, para garantir qualidade de ensino em tempos tão desfavoráveis? Poderíamos levantar aqui vários pontos de destaque sobre como resgatar prioridades e modificar as grades curriculares das instituições formadoras de professores. Porém, pensamos que o caminho talvez seja outro, um pouco mais simples e menos dispendioso. O que propomos, afinal, é um olhar diferenciado para nossos alunos. Um olhar para o mundo em que vivem, para seus brinquedos, suas palavras e seus comportamentos. Um olhar cauteloso para seus valores, suas aspirações e suas necessidades. Talvez este seja o grande desafio da educação na atualidade: reconhecer este mundo tão diferente, preservar valores e comportamentos indissociáveis na prática educativa de todas as épocas, como a ética, a moral, e tentar atender às necessidades de cada uma das crianças inseridas neste mundo da atualidade, promovendo práticas educativas mais adequadas a tais necessidades, fazendo da escola um espaço de construção e valorização não só do coletivo, mas das significações, dos sonhos e das motivações individuais. Trata-se, como aponta Bonadio (2006, p. 10), de “diluir resistências e viver a novidade, provar o novo e transformá-lo em experiência da aprendizagem.”

Poderíamos indagar: e como tudo isso seria possível? Não existe fórmula nem receita, pois, assim como cada criança é única, cada escola também o será, e o que se aplica a uma realidade pode ser ineficiente a outra. As trocas de experiências vivenciadas em diferentes contextos podem nos levar a reflexões sobre novas buscas e diferentes construções; podem nos inspirar a criar, discutir e levantar possibilidades diferentes das que estamos experimentando e que muitas vezes não dão certo. Por fim, podem nos fazer acreditar que a mudança é possível quando almejamos o diferente e o melhor e unimos forças para buscar atingir tais objetivos.

Foi a reflexão sobre tais aspectos que motivou os educadores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I do Colégio Interativa de Londrina a desenvolver o projeto “Eu sou professor, e você quem é? So-

bre a importância de conhecer antes de ensinar", o qual será objeto de discussão do presente artigo.

Infância: período da história de cada um

É natural que os professores conheçam os seus alunos aos poucos, principalmente no início do ano letivo, no qual diversas variáveis interfeiram nesse processo: crianças advindas de outras escolas e cidades, expectativas altas sobre a adaptação da criança na série, além de tantas outras concepções que permeiam as relações escolares. No decurso de semanas e meses, o professor vai percebendo que alguns de seus alunos progridem, mas que outros apresentam dificuldades e ficam para trás. Daí vem o questionamento: o que pode estar acontecendo? Será que esse aluno tem alguma dificuldade? Será que está acontecendo alguma mudança significativa em sua vida? Tantas perguntas ficam freqüentemente sem respostas que o professor pode acabar fazendo alguma inferência ou rotulando o aluno para encaixá-lo em algum diagnóstico, reduzindo assim a sua ansiedade, uma vez que o rótulo diminui a sua responsabilidade.

Diante de tais problemas, acreditamos que conhecer o aluno nas primeiras semanas do ano letivo é fundamental não só para a adaptação da criança no contexto escolar, como também para que o professor saiba com quem e como vai trabalhar, delineando práticas e intervenções consistentes que venham ao encontro das necessidades individuais de cada um. Outro ponto que merece destaque é o de que conhecer o aluno aproxima e transforma relações práticas e cotidianas em relações afetivas. Exercitar tal proposta, em toda a sua dimensão, exige que o professor tenha muito bem construído o conceito de quem é esse aluno; e, para isso, ele necessita entender muito bem o conceito de infância.

Kramer (2006, p. 13) enfatiza que a infância "é o período da história de cada um". Reforça que o ser humano "é um ser histórico" e, consequentemente, "a infância proporciona a construção da história, a qual se faz individual e coletivamente". Quem já não ouviu um adulto dizer: "aproveite a sua infância, pois ela não volta nunca mais!"? Sonhos, fantasias, brincadeiras, descompromisso com o tempo e com a responsabilidade imposta pelo mundo dos adultos. A idéia atual da infância, como significativa, prazerosa e permeada de ludicidade, é uma construção da sociedade moderna, pautada na nossa experiência e realidade. De acordo com Ariès (1978), a idéia de infância moderna foi universalizada com base num padrão de crianças das classes médias, a partir de critérios de idade e de dependência do adulto, característicos de sua inserção no interior dessas classes. No entanto, Kramer (2006, p. 16) salienta a necessidade de considerar a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos para que

tenhamos uma visão mais aprofundada sobre quem é essa criança e, logo, sobre quem é o nosso aluno.

Percebemos, portanto, que as crianças produzem cultura e são produzidas na cultura em que se inserem (em seu espaço) e que lhes é contemporânea (de seu tempo). Cabe perguntar: será que nós, educadores, estamos sensíveis a essa produção cultural? Valorizamos as práticas de nossos alunos? Valorizamos suas experiências e suas histórias? Valorizamos seus gostos, suas expectativas e suas brincadeiras? Qual é o espaço dado pela escola para todas essas questões?

Sabe-se que práticas educativas significativas somente serão estruturadas a partir da realidade dos alunos e do que lhes é significativo. Dessa forma, os professores sabem o que dá sentido ao mundo de cada um de seus alunos? Sabem como eles produzem e constroem sua história? Uma vez que tal construção se processa na ação infantil - em que a criança atribui significados diversos às coisas, fatos e artefatos através de suas vivências e experiências -, é importante que o professor perceba que a história individual de cada aluno só poderá ser contada por ele mesmo. É ele quem vai dizer do que gosta ou do que não gosta, o que lhe dá prazer, como costuma relacionar-se com os seus amigos e familiares. Sendo assim, partimos do princípio de que todas essas relações permeiam o processo educativo e, então, valorizamos a importância de que o professor conheça tais aspectos a fim de poder vir ao encontro das necessidades de seus educandos considerar quais valores e princípios éticos quer transmitir na ação educativa.

Outro ponto que merece destaque é que as crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos e que constantemente agem no meio social em que estão inseridas. Quando vemos as crianças desse modo, fica mais fácil entendê-las, e também se reforça a necessidade de que nós, adultos, possamos ver o mundo a partir do seu ponto de vista, uma vez que pertencem a uma classe social e não formam uma comunidade isolada - pelo contrário, são parte do grupo, e suas brincadeiras, costumes, valores e hábitos expressam esse pertencimento e interferem em suas ações e nos significados que atribuem às pessoas, às coisas e às relações. Isso nos sensibiliza mais uma vez para a necessidade de lhes garantir o direito a condições dignas de vida, à brincadeira, ao conhecimento, ao afeto e a interações saudáveis.

Restabelecer com as crianças esses laços de caráter afetivo, ético, social e político exigem que nós, educadores, possamos rever o papel que temos exercido nas instituições educativas. E isto somente será viabilizado através da reflexão sobre as histórias, as narrativas que as crianças fazem acerca de suas vivências e experiências, o que não é muito comum na atualidade. Quero dizer com isso que não estamos mais acostumados a ouvir, e o diálogo tem se perdido cada vez mais nas relações cotidianas. Na correria do dia-a-dia e diante da necessidade constante de sobrevi-

vência, vamos nos acostumando a dar conta das nossas individualidades, das nossas imediaticidades, em detrimento das interações sociais. As narrativas nos parecem uma perda de tempo; muitos se perguntam o que estão ganhando com isso. Falar do que vivem, com quem convivem, o que assistem e o que enfrentam é resgatar a história pessoal de cada um, é valorizar velhos e atuais sentimentos como o de pertencer e ser importante a alguém; é fazer pensar sobre qual papel estamos dispostos a exercer neste mundo. Portanto, esta é a grande pergunta para você, educador, que agora lê este artigo: "qual papel quer exercer na vida de seus alunos? Deseja ser simplesmente um transmissor de conhecimentos e práticas sistematicamente elaboradas ou deseja fazer a diferença, envolver conhecimento e afeto, saberes e valores, cuidados e atenção na vida dessas crianças?"

Se a sua resposta envolver o segundo item aqui relacionado, você terá que considerar que, muito mais do que ensinar, o seu papel será desenvolvido em torno do cuidado, da atenção e do acolhimento, da alegria e da brincadeira, do que os alunos gostam e do que é importante para cada um deles, garantindo que cada um seja atendido em suas necessidades, entendendo sempre que estamos trabalhando com crianças e não simplesmente com estudantes.

Dessa forma, é preciso entendê-los e, mais do que isso, é preciso conhecê-los em todas as suas dimensões - biológicas, afetivas, cognitivas ou sociais. Refletir sobre a criança, seu lugar e seu papel na sociedade hoje é condição fundamental para que se possa planejar o trabalho na escola e, assim, implementar o currículo, favorecendo, mais do que uma escola, uma vida digna.

Diante dessa proposta é que o Colégio Interativa de Londrina desenvolveu o projeto "Eu sou professor, e você quem é? Sobre a importância de conhecer antes de ensinar", o qual tem como objetivo principal responder à pergunta: afinal, quem são nossas crianças? Pois sabemos que as percepções e crenças acerca dos alunos podem interferir no processo de aprendizagem facilitando-o ou dificultando-o. Ainda mais, tais percepções sobre os costumes, valores, hábitos, práticas sociais e experiências também interferem nas ações docentes e podem auxiliar-nos no que se refere aos encaminhamentos de nossas práticas pedagógicas, ou seja, o que pensamos sobre a infância é o que se coloca presente nas nossas práticas de sala de aula.

Quem são essas crianças? Sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto

As atividades propostas nesse projeto foram desenvolvidas em diferentes períodos, desde o início do ano letivo, em especial durante a

semana pedagógica, pois sentíamos que deveríamos sensibilizar inicialmente os professores para a proposta. Os professores foram contatados por telefone e informados de que receberiam uma camiseta em branco, a qual deveria ser personalizada segundo sua criatividade e “inspiração”⁴. Também deveriam preparar uma atividade que seria apresentada no primeiro dia de encontro pedagógico, em que se organizou um “show de talentos” para os professores. Nossa objetivo inicial foi valorizar as particularidades e potencialidades de cada professor, ressaltando o que eles tinham de significativo.

Com os alunos, a proposta foi um pouco mais aprofundada, e diferenciou-se em cada segmento (Educação Infantil e Ensino Fundamental I). Na Educação Infantil, as professoras foram visitar a casa dos alunos (cada professora visitava os alunos da sua referida turma) na semana anterior ao início das aulas. As visitas foram agendadas previamente com os pais e duravam cerca de 50 minutos. Lá conheciam a casa da criança, especialmente seu quarto e seus brinquedos, e tal atividade tinha como objetivo principal promover a integração entre professor e aluno, reduzir a ansiedade vivenciada pelas crianças no primeiro dia de aula e favorecer um primeiro contato com a família. Também possibilitava que entrassem em contato com o mundo da criança (sua casa, seu quarto, seus brinquedos etc.). Durante a visita, a professora tirava também uma foto, a qual foi depois exposta em um painel montado na sala no primeiro dia de aula, com objetivo de familiarizar a criança com a professora e a situação nova da sala.

No Ensino Fundamental I, os alunos, assim como os professores, receberam em casa a camiseta e uma cartinha da professora, a qual relatava o quanto ela estava feliz e ansiosa pela sua vinda à escola. A carta orientava os alunos a “customizarem” a camiseta com seus pais: nela deveria estar impresso, escrito ou colado, conforme a preferência de cada um, algo que tivesse a “cara da criança”; que de alguma forma falasse dela, sobre quem e como ela é. É importante destacar que os alunos da Educação Infantil também receberam a camiseta, e todos os professores realizaram uma dinâmica de apresentação dos alunos no primeiro dia de aula utilizando esse recurso (camiseta), cujo objetivo era valorizar a construção individual de cada um, seus gostos e preferências, além de favorecer a inserção das crianças no grupo. As perguntas que se fizeram durante a dinâmica foram: porque fiz esta camiseta desta forma? O que ela tem a ver comigo, com meu jeito de ser?

Dando continuidade ao trabalho, os professores realizaram nas duas primeiras semanas de aula diversas atividades, as quais tinham como foco “conhecer as crianças”, ou seja, quais eram suas características principais,

4 A palavra “inspiração” foi utilizada durante todo o ano letivo nas diferentes atividades e comemorações realizadas como chamada para as diferentes atividades propostas (ex.: “Mãe, ser que inspira carinho”).

de onde elas vinham (se estivessem na escola pela primeira vez, qual escola haviam freqüentado ou se moravam em outra cidade); quais eram seus interesses e se já tinham tido experiências escolares anteriores. Também focalizaram conhecer os grupos sociais que seus alunos freqüentavam e em que atividades se envolviam quando não estavam na escola; se existiam lugares de encontros com outras crianças e do que brincavam; como são suas famílias e qual escola estava presente no seu imaginário, ou seja, quais eram as expectativas iniciais em relação à escola e em relação ao professor. Isto dava oportunidade a mediações e intervenções que podiam auxiliar de forma eficaz e significativa o processo de desenvolvimento da criança.

Para que tais objetivos pudessem ser alcançados, cada professor responsabilizou-se por elaborar um instrumento que promovesse resultados significativos em relação aos objetivos que haviam sido propostos. Os professores demonstraram muita criatividade, e os resultados foram extremamente importantes. Nas turmas de Educação Infantil, foram construídos portfólios individuais com as crianças, os quais contaram com a colaboração dos pais, que enviaram fotos da família para a confecção de uma árvore genealógica das crianças, por exemplo. Também foram organizadas nas salas de aula exposições de objetos da infância, as quais contaram com apoio das mães dos alunos, que organizaram vídeos, roupas do tempo em que eles eram bebês, fotos e outros objetos.

As turmas de 1º ano do ensino de nove anos e as séries 1^a, 2^a e 4^a do Ensino Fundamental I optaram pela confecção do livro das preferências do aluno. Cada livro continha, além de uma entrevista com familiares em casa, atividades em que foram explorados relatos escritos, desenhos, colagens e relatos em grupos das crianças. As turmas da 3^a série do Ensino Fundamental I aprofundaram os seus relatos das famílias através das histórias contadas pelos seus avós, organizaram sua árvore genealógica, coletaram depoimentos dos pais, selecionaram fotos e trouxeram documentos como certidões de nascimento, batismo, casamento dos pais, passaportes. Cada um desses objetos trazidos requeria que se contasse a sua história. Também desenharam suas preferências, sonhos e anseios.

O que pensamos sobre a infância e o que se coloca presente nas práticas de salas de aula - sobre os resultados

Os resultados foram significativos, e alguns dados podem ser levantados pelos professores e analisados qualitativamente, apontando os

reflexos das atividades desenvolvidas, uma vez que o exposto é muito rico e emocionante. Os resultados descritos fazem parte dos relatos coletados junto às crianças e aos pais nas diferentes atividades realizadas.

Pode-se perceber que as turmas são bastante homogêneas, e que abrigam um mínimo de seis e um máximo de 28 alunos por turma. Constatou-se que, nas turmas de primeiro ano, primeira série e infantil II, o número de meninas supera o de meninos (com uma diferença média de 3 a 4 alunos). Nas outras turmas, a maioria das crianças são meninos, e a diferença média é também de 3 a 4 crianças por turma. Somente na turma de maternal constatou-se número equivalente de crianças (meninos e meninas).

Nas turmas de *Educação Infantil, Maternal, Nível I e II* pode-se constatar que a maioria das crianças possuem uma família nuclear (moram com o pai e com a mãe), e que 50% delas ficam com as avós para que os pais possam trabalhar. A outra metade do grupo fica com babás ou com empregadas domésticas. Apenas uma criança fica com a mãe em casa, enquanto não está na escola. Nesse grupo temos duas crianças com síndrome de Down, e uma delas veio para nossa escola em 2007. A professora relatou que “*foi um momento de muita expectativa, pois nunca havia trabalhado com crianças especiais*”; que sua adaptação no grupo foi tranquila, e que “*o trabalho pôde me dar subsídios para conhecê-la melhor, delineando estratégias eficazes*”. A família também colaborou para o processo, uma vez que trouxe vídeos da criança em casa para serem mostrados aos amigos - o que facilitou a aceitação do grupo, que percebeu que ela realizava as mesmas atividades que os colegas e possuía as mesmas preferências no que se refere a brincadeiras, desenhos televisivos etc.

A estratégia do auto-retrato também foi muito útil:

Provavelmente atingiria resultados superficiais e diferentes se tivesse abordado as crianças oralmente, mas através do auto-retrato pude perceber detalhes apontados por cada uma delas e o que percebem em si mesmas. Pude conhecer não só os meus alunos fisicamente, mas seus sentimentos, medos, vontades e prazeres. (Prof. Larissa Loureiro Batista)

Outro dado significativo refere-se aos brinquedos e áreas de interesse das crianças dessa faixa etária (2 a 5 anos), os quais também variam de acordo com o gênero. Percebeu-se que os meninos demonstram interesse por carrinhos, brinquedos de animais, dinossauros, desenhos da TV, super-heróis e fantasias (roupas) e que grande parte freqüenta atividades extras, as quais incluem aulas de judô, futebol, natação, além de acom-

panhamentos com fonoaudiólogas, terapeutas ocupacionais e psicólogas. Já as meninas demonstram interesse por bonecas, acessórios femininos, maquiagem, fantasias (roupas), brinquedos de casinha e jogos, e também freqüentam atividades extras, mas em quantidade menor se comparada à dos meninos. A maioria tem como fonte de interesse o balé e a natação.

Nas turmas do *primeiro ano do ensino de nove anos* pode-se constatar o quanto o grupo é heterogêneo e o quanto as crianças ainda necessitam do estabelecimento de limites e combinados. Ainda apresentam dificuldades para resolver situações de conflito, em virtude da manutenção de um comportamento egocêntrico e da dificuldade em lidar com frustrações, uma vez que ainda choram quando são contrariados e sempre procuram a ajuda da educadora para resolverem seus problemas. Em conversas informais com os pais, fica bem claro o quanto eles têm dificuldades para estabelecer limites para os seus filhos. Aparecem sentimentos de amor, alegria e emoção quando relatam o cotidiano familiar.

As crianças de cinco anos têm como foco de interesse atividades que envolvem bolas, jogos de computador e bonecas. As áreas de interesse também começam a ficar mais parecidas e, geralmente, freqüentam atividades extras, como balé, natação ou futebol.

Vale a pena destacar o relato da professora Kelli Wosiak, a qual enfatiza que

para conhecer os meus alunos eu sempre procuro aproximar-me deles com muito carinho e atenção. Sou muito amiga deles e sempre uma boa ouvinte. Procuro aproximar-me dos pais através de conversas informais, sempre lhes dando muita atenção, pois é muito importante que confiem em mim e que vejam meu papel como o de uma aliada no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos.

Pudemos constatar que as turmas de *primeira série* também se apresentam como um grupo participativo, no qual existe uma boa integração entre seus membros. São crianças ainda extremamente lúdicas, e que necessitam de brincadeiras para aperfeiçoar seu aprendizado. As professoras perceberam que as crianças procedentes de outras escolas necessitam de uma maior adaptação à dinâmica escolar e diferem das que já estavam no colégio no que se refere a noções de disciplina e autonomia.

Em relação a suas áreas de interesse, percebeu-se que a maioria das crianças apreciam atividades diversificadas, e, novamente, apareceu a diferença estabelecida por gênero. Os meninos apontam o interesse por carrinhos, bonecos típicos de desenhos, jogos de computador, jogos, bola, skate, bicicleta e TV. As meninas apreciam bonecas, acessórios fe-

mininos, patins, mas também gostam de jogos de computador, bicicletas e TV.

Destaco o relato da Professora Renata Ody Romanha sobre sua turma de primeira série:

pude descobrir que meus alunos mantêm um relacionamento muito restrito com outras crianças. Muitos deles brincam sozinhos, outros apenas com irmãos ou alguns primos nos finais de semana. Quando não estão na escola ficam em casa com avós, babás, empregadas domésticas e uma pequena minoria com a mãe. Durante esse tempo, gostam de brincar de carrinho, bonecas, jogos, bola, skate, patins, bicicletas e assistir TV. Algumas crianças freqüentam balé, natação e judô. Também percebi que os alunos ficam muito tempo longe dos pais, só os encontrando durante a noite, que é o momento em que a maioria realiza as tarefas escolares. Entendi que existe um vínculo muito grande entre as crianças e o colégio. Elas se sentem acolhidas, felizes e disseram que gostam de estar com os amigos e comigo, que sou a professora. Nesse momento me deparei com algo muito forte: são doze vidas com as quais estou diariamente, doze pares de olhinhos procurando colinho e atenção. Isso mexeu demais comigo e me fez refletir sobre todo trabalho que tenho realizado com eles e como sou importante na concepção deles. Com isso também lembrei que cada um dos meus alunos tem uma história de vida, que cada um tem suas próprias necessidades e que cabe a mim proporcionar momentos de descobertas, de trocas, de experiências e de lhes oferecer a oportunidade de argumentar e refletirem, de brincarem e serem felizes.

E, ainda, da Professora Maria Bueno, sobre a relevância dessa experiência:

Realizar este trabalho e ter a oportunidade de conhecer um pouquinho mais sobre a vida de cada aluno foi, sem dúvida, uma experiência única e muito significante para mim. O que mais me deixou feliz foi perceber o quanto meus alunos são amados por suas famílias.

Nas turmas de segunda série do Ensino Fundamental I as crianças relataram que “adoram aprender e brincar” São as turmas onde aparece o maior número de alunos vindos de outras escolas, cidades e estados. Para esse grupo, o seu maior desejo é “aprender muito para ficarem inteligentes” (sic), e alguns já têm até profissão definida, como técnico de computador e cardiologista. Em relação às atividades lúdicas, demonstram interesse por desenhos na TV e computador (meninos) e brincar com o cachorrinho, bonecas, casinha, músicas e ler livros (meninas). Também freqüentam atividades extras, como futebol, natação e balé.

Inquiriu-se qual escola estaria presente no imaginário delas, e alguns aspectos interessantes puderam ser verificados, como o fato de desejarem uma escola em que “possam aprender, que tenha um monte

de campos de futebol," e "uma escola boa onde aprendam direito, com duas horas de recreio e que tenha aulas de natação, jogos e muitas folgas".

Apareceram também várias situações que agradam e que desagradam as crianças. Houve relatos sobre pais que trabalham bastante, sentimentos de amor e saudade da família e dos amigos que deixaram distantes em outras cidades e estados. Também apontam o quanto admiram o jeito de vestir de seus pais e o quanto se identificam com o seu jeito de ser: "*Sou chorona como minha mãe e comilona como meu pai!*"

Nas turmas de terceira série do Ensino Fundamental I, as professoras destacam como resultados importantes do trabalho o reconhecimento que as crianças deram aos documentos trazidos de casa (certidões de nascimento, casamento) e ao fato de poderem identificar como eram os objetos antigamente e como são atualmente; o que se usa e o que não se usa mais. Conheceram as profissões de seus avós e puderam pesquisar se elas ainda existem ou não. Sobre o retrato do grupo, pode-se perceber que "os alunos são criativos, ativos, críticos e carinhosos". A maioria mora com os pais; uma mora com os avós e um tem pais separados. Preferem brincar a estudar, mas, em sala de aula, mostram-se motivados à aprendizagem, uma vez que "participam com entusiasmo das atividades propostas e demonstram grande interesse por jogos e livros." Todos têm computador em casa e gostam de animais – muitos possuem bichos de estimação (em geral cachorro). Relatam sonhos para o futuro e desejam ser muitas coisas (ter uma casa, um carro, uma moto, constituir família), mas não associam o estudo à concretização desses sonhos.

Nesse grupo, apenas uma aluna veio de outra escola, ou seja, os demais se conhecem desde a educação infantil. Por esse motivo, são muito amigos, e não têm o hábito de brigar ou discutir. Não se importam em compartilhar materiais e brinquedos, e os que terminam primeiro suas atividades gostam de ajudar os colegas que estão com dificuldade. Quando ocorrem conflitos, rapidamente são solucionados. Também mantêm relacionamento fora da escola, ou seja, costumam ir à casa uns dos outros para brincar, dormir juntos, e conversam bastante pela internet. Suas áreas de interesse são bastante diversificadas: relatam gostar de jogos de computador, bicicletas, bolas (meninos) e bonecas e casinha (meninas).

Diz a Professora Josiane Costa Lucas:

Esta é uma turma especial, interessante e que faz com que eu possa vir diariamente trabalhar com alegria. Já construí com as crianças um laço afetivo, o qual me motiva a estudar muito e procurar recursos educativos diferenciados, pois eles, assim como eu, sempre estão querendo saber mais do que o que é trazido pelos livros.

Nas turmas de quarta série do Ensino Fundamental I, pôde-se perceber que as crianças foram significativamente participativas e até quiseram dar sua opinião sobre o trabalho. Destacamos o relato do aluno Mateus, para quem a atividade foi “*legal porque parece uma certidão de nascimento, fala tudo de você, como é sua vida*”; e o de João Pedro, que enfatiza que a atividade foi “*legal porque fala da família. Temos lembranças de coisas que aconteceram*”. O aluno Gabriel destacou: “*Achei que a professora quer conhecer mais os alunos*”. Ele realmente entendeu os objetivos da atividade!

Vale destacar também os relatos do aluno Guilherme, que enfatiza que “*nunca tinha feito algo sobre nós*”, e da aluna Juliana, para quem foi “*legal porque falou bastante sobre minhas coisas. Fala muitas coisas que uma pessoa precisa saber sobre mim*”.

De uma forma geral, é importante destacar que os alunos freqüentam clubes sociais, realizam passeios em shoppings e propriedades rurais e costumam reunir-se com as famílias (avós, tios, primos) durante as festas (datas comemorativas) e aniversários. A maior parte das mães trabalha fora, mas, desde o início do ano letivo, mostraram-se participativas no que se refere à vida escolar dos filhos (demonstrando maior interesse pelo desempenho escolar e pelo comportamento dos filhos na escola). As origens das famílias são diversas; destacam-se as nacionalidades japonesa, italiana, alemã, espanhola e africana.

De maneira geral, pode-se perceber que a maioria das crianças que aqui estão pertencem à classe socioeconômica média e que freqüentam ambientes sociais muito parecidos, como clubes, igrejas, casas de pais e amigos. Outro ponto que merece destaque diz respeito às áreas de interesse no âmbito das brincadeiras, tendo o computador lugar de relevo. Mais um fator que nos chama a atenção diz respeito às atividades extras que as crianças freqüentam (judô, balé e futebol) e na qual grande parte das crianças se encontram inseridas. Vale a pena ressaltar que este é um serviço oferecido pela escola, em horários diferenciados, e que a adesão dos alunos é facultativa, pois envolve custos extras. Porém, os dados levantados reforçam a continuidade sobre a manutenção dos serviços, dada a relevância identificada na consecução do projeto.

Repensando algumas questões

Todos os dados levantados no projeto nos levaram a reflexões importantes, principalmente no que se refere ao fato de que a criança é um ser presente no mundo e, por isso, não pode ser considerada como um ser passivo: pelo contrário, necessita ser valorizada em cada fase de sua vida, assim como respeitada e compreendida em todo seu contexto histórico. Considerar a realidade social em que está inserida é fundamental para que o educador perceba particularidades do seu aluno, tra-

çando assim suas metas pedagógicas. Para que isso aconteça, é necessário traçar objetivos a fim de identificar qual a relação que as crianças estabelecem com seu mundo nos diferentes contextos, quais os significados que atribuem às pessoas e às coisas, reconhecendo sempre o que é específico da infância e, principalmente, da criança – seu poder de imaginação, de fantasia, de criação e de brincadeira, entendida como experiência de cultura –, dando validade à afirmativa de que na infância a criança possui modos próprios de compreender o mundo e interagir com ele.

Diante de todos esses aspectos, é fundamental que o professor esteja sempre preparado para algumas reflexões – por exemplo, sobre como realizar um diálogo entre as vivências da criança dentro e fora da escola, fazendo com que a sala de aula se torne um espaço mais dinâmico. Outro ponto diz respeito à organização do tempo e dos espaços na escola, refletindo sobre o que tem sido privilegiado no cotidiano escolar, ou seja, quais temas estão presentes em nossas salas de aula e quais estão sendo evitados e se estamos abertos a todos os interesses dos alunos com quem trabalhamos, independentemente de sua faixa etária ou classe social.

Dada sua relevância, o projeto foi inserido como proposta pedagógica para os anos subsequentes, sendo possível de reformulações e complementações, uma vez que, assim como a criança, a escola é dinâmica e necessita passar por constantes processos de mudança.

Diante de todos os aspectos apontados, é preciso entender que ver a criança pelo que ela se apresenta no presente, sem se valer de estereótipos, idéias pré-concebidas ou práticas educativas que visam moldá-las em função de visões ideológicas rígidas de desenvolvimento e aprendizagem, é assegurar que a educação cumpra seu papel social diante da heterogeneidade das populações infantis e das contradições da sociedade.

About Learning and Teaching.

Abstract: The children's first days at school are fundamental and decisive to their learning process. Since many students change their classes, their schools and teachers, they become concerned, waiting for the new process of learning. This process can be rather difficult to the children, and the school must be aware and help them at this moment of novelty. If the teachers know their students, they can plan and prepare their classes according to the specific necessity they may have, making the practice of learning an instrument of building knowledge, learning, and living together.

Keywords: Learning. Interaction. School adaptation.

L'importance de mieux connaître les élèves.

Résumé: Chaque début dans la vie scolaire est crucial pour le processus d'apprentissage, une fois que la plupart des étudiants soumis à des expériences de changement de classe, de professeur ou bien d'école, à part l'anxiété, découvrent de nouvelles formes de se comporter face à la connaissance et aux rapports avec les autres. Ces expériences sont particulièrement pénibles pour les petits enfants et là, il faut que l'école puisse les accueillir. Pour mieux comprendre cette situation, on a étudié une pratique pédagogique menée dans une école de la ville de Londrina, au Paraná, Brésil. Les données suggèrent que la connaissance des élèves est un des ingrédients les plus importants pour l'adaptation des étudiants et aussi pour l'organisation du travail des professeurs en tant que responsables pour orienter la construction d'une sociabilité qui soude le groupe et concourt à son intégration.

Mots-clés: Connaître. Apprentissage. Interaction. Adaptation scolaire.

Sobre la importancia de aprender y enseñar.

Resumen: Los primeros días del niño en la escuela son fundamentales y cruciales en el proceso educativo, pues la mayoría de los alumnos, al cambiar de turma, escuela y profesor, experimentan, además de la ansiedad, un nuevo proceso de ser y conocer. Dicho proceso es algo difícil para el niño, y la escuela debe estar instrumentalizada para auxiliarle en ese nuevo momento. Este artículo es el relato de una práctica pedagógica realizada en una escuela de Londrina/PR en las series de Educación Infantil y Enseñanza Fundamental I. En los resultados encontrados, se puede percibir que conocer al alumno favorece la práctica del profesor, el cual podrá preparar las clases de acuerdo con las necesidades específicas de sus alumnos, haciendo de la práctica pedagógica un instrumento para la construcción del ser, del aprender, del hacer e del convivir.

Palabras-clave: Conocimiento. Aprendizaje. Interacción. Adaptación escolar.

Referências

- Aries, P. (1978). *A história social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Bonadio, F. (2006, setembro). O passado e o possível. *Revista Conectado*, 1(2), 10-13.
- Kramer, S. (2006). A infância e sua singularidade. In J. Beauchamp, S. D. Pagel, & A. R. Nascimento (Orgs.), *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade* (pp. 13-24). Brasília, DF: FNDE: Estação Gráfica.

Recebido em: 27/03/2007

Aceito em: 24/09/2007